

A CONQUISTA DA DUALIDADE SIMBOLIZADA NA VIDA E MORTE DE JESUS

Saudações, meus queridíssimos amigos. Deus abençoe cada um de vocês. Abençoada seja esta hora. Há muitos novos amigos aqui esta noite, a quem dou as boas vindas. Talvez eles não entendam facilmente esta palestra, que é uma continuação e uma ampliação da última. Para entendê-la plenamente, seria aconselhável ler com muita atenção a última palestra.

Vocês, meus amigos, que estudam estes ensinamentos, estudaram e refletiram sobre a última palestra e alguns de vocês obtiveram novos esclarecimentos e compreensão sobre si mesmos ao considerar os problemas pessoais do ponto de vista ali apresentado. Para alguns, esse novo tópico ainda é difícil de captar, mas a compreensão virá à medida que avança o trabalho de autoanálise e a aplicação da questão da dualidade aos seus problemas mais íntimos.

Neste dia comemora-se, na sua história humana, um dia muito especial. É muito compatível com o tema de minha última palestra. Neste dia, a vida de Jesus Cristo chegou à culminância. Sua vida simbolizou o maior sofrimento e a maior alegria. Isso não é dito apenas no sentido abstrato, distanciado, espiritual, mas também no sentido muito humano e concreto. Sofrimento e alegria, prazer e dor, essas dualidades, em última análise, nada mais são do que subdivisões da grande dualidade – Vida e Morte, nunca Vida ou Morte.

Existe um ensinamento espiritual, muitas vezes mal compreendido, de que o homem deve elevar-se acima do prazer e da dor. Isto, naturalmente, é verdadeiro no sentido final. Mas esse estado não pode ser instituído através da fuga do lado desagradável da dualidade. Em vez disso, ele é instituído unicamente quando se aceita e se encara totalmente a dualidade – vida e morte. Aqueles que entendem mal a verdade de elevar-se acima do prazer e da dor fazem-no porque desejam evitar a experiência, e não submeter-se a ela. Se vocês aceitam a morte em sua forma nua e crua, sem fugir dela, então, e somente então, poderão viver plenamente. Somente então descobrirão que não existe morte; não existe dualidade alguma. Vocês não aceitarão isso como uma fé que consola para se desapegarem da fraqueza e do medo. Em vez disso, vocês sentirão que isso é verdade. E vocês só podem ter essa experiência nas grandes e decisivas questões, quando aprendem pela experiência da “pequena morte de cada dia”. Sempre que a sua vontade não é satisfeita, sempre que vocês se encolhem diante do sofrimento de forma errada, não saudável, aumentam a trágica dualidade. Vocês rejeitam a morte, e portanto, em última análise, rejeitam a vida.

A fuga da morte e do sofrimento provoca, muitas vezes sem que se perceba, a fuga da vida e do prazer. Não importa o quanto a pessoa lute por ter uma participação bem-sucedida na vida e no

prazer; quando ela, consciente ou inconscientemente, evita enfrentar e encarar a morte e o sofrimento, também foge da vida e do prazer. Uma coisa acompanha a outra, e não é possível evitar um efeito muito prejudicial à alma.

Jesus disse “sejam como as criancinhas.” Essa expressão tem muitos significados, em muitos planos. Um deles é que as crianças vivem e sentem de forma muito aguçada. Todos os seus sentidos e faculdades são novos e virginais, e toda experiência de vida, em qualquer plano de seu ser, é muito mais aguda do que as impressões, reações e experiências do adulto. E isso é bom. Pois se a alma atravessa a vida rejeitando a experiência de vida com todos os seus significados, ela entorpece suas faculdades para viver. É muito melhor para o desenvolvimento e o crescimento de uma entidade passar por muitos altos e baixos do que adquirir falsamente uma serenidade que raras vezes é um verdadeiro desprendimento. Só se chega ao desprendimento depois de aceitar tudo o que a vida tem a oferecer, incluindo a morte. Algumas pessoas acreditam que se elevaram a essa altura real e autêntica, quando na realidade simplesmente rejeitam a dor e o sofrimento, e portanto também o prazer e a alegria. Essas pessoas, em algum ponto de sua evolução – seja nesta vida, seja em outra – descobrirão que precisam voltar ao ponto em que fugiram de sua experiência de alma, para que essa parte possa ser aprendida e totalmente vivida.

Apenas quem já passou por isso chega à verdadeira serenidade. Se a serenidade não é real, se é artificialmente cultivada, essa alma apresenta um crescimento e um desenvolvimento muito inferiores ao de outra pessoa que tem coragem suficiente para não fugir da experiência da vida. No entanto, muitas vezes acontece que a primeira acredita estar acima da segunda, a quem despreza pelos altos e baixos. Esses altos e baixos na verdade indicam que a pessoa ainda está profundamente envolvida com a ilusão dos opostos e da dualidade, que não obstante enfrenta, e isso é honesto e gera crescimento.

A coragem e a honestidade talvez sejam os trunfos mais importantes do desenvolvimento de uma pessoa. Se vocês enfrentarem o sofrimento e a alegria, necessariamente crescerão. Por outro lado, a pessoa que recua diante do sofrimento, negando-o, jamais o encarando, temendo-o além da razão e de suas verdadeiras proporções, inevitavelmente sente um medo igual da felicidade e da realização. Algumas vezes, no passado, mencionei esse medo da felicidade. Muitos dos meus amigos constataram que isso é verdade, mas não de imediato. Quando a felicidade está muito distante e aparentemente é inatingível, vocês podem com certeza ansiar por ela. Mas se fizerem um exame pessoal apurado, sempre que vocês se aproximam dela, vocês recuam, da mesma forma que recuam diante do sofrimento. Como o sofrimento e a dor, ou a morte e a vida estão associados e na realidade são uma só e a mesma coisa, a felicidade e o prazer de vocês dependem da atitude em relação à morte e ao sofrimento. Quando vocês aceitam um, também aceitam o outro. Quando vocês se elevam e crescem através de um, também se elevam e crescem através do outro.

A atitude de vocês diante do sofrimento determina se a alma se beneficia ou não durante o processo de sofrimento ou somente muito mais tarde. Até a atitude cega e rebelde em relação ao sofrimento acaba, no fim das contas, beneficiando a alma. Ainda é muito melhor que fugir dele e que a paralisação, a imunização ou o entorpecimento da capacidade de sentir e vivenciar. Mas uma atitude cega e ignorante diante do sofrimento fará vocês sofrerem mais e por mais tempo do que o

necessário, e o processo de crescimento só pode se efetivar quando a sua consciência aprende essa lição. Inversamente, uma atitude perceptiva e saudável conquistará para vocês, de imediato, crescimento e libertação. Como resultado, o que os fez sofrer anteriormente deixa de ser um elemento de dor no momento em que reconhecem a lição.

De forma alguma isso implica que vocês devam, deliberadamente, escolher o sofrimento e rejeitar a felicidade, na falsa crença de que o prazer e a alegria vão contra a vontade de Deus. Muitas religiões proclamam esse erro. A forma saudável de encarar o sofrimento talvez seja o mais importante segredo da vida do homem. Se vocês conseguiram encará-lo de forma aberta, sem reservas, dispostos a aprender, dispostos a manter intactos o raciocínio e as faculdades, embora emocionalmente possam estar mergulhados em escuridão, rebeldia, covardia e autopiedade, o resultado do sofrimento será a felicidade, na medida em que vocês enfrentaram o sofrimento e cresceram com ele. Se o sofrimento entorpece a alma, mais sofrimento, embora talvez de forma diferente, será o resultado inevitável, até que vocês deixem de permitir que ele entorpeça a alma. Como resultado, toda a personalidade será reavivada pelo aumento da autopercepção.

Uma confusão específica é uma das dificuldades que se apresentam ao espírito gerador de crescimento na forma de abordar o sofrimento. Muitas das pessoas mais iluminadas sabem que o sofrimento é criado pela própria pessoa. A sua percepção desse fato, seja vaga ou plena, sempre que se deparam com o sofrimento, faz com que se tornem frenéticos, no mínimo porque a frustração de não saber na mesma hora que atitude ou ação de sua parte foi a causa. Essa falta de conhecimento gera o medo de que essa causa oculta possa provocar mais sofrimento. Como vocês estão impacientes por descobrir (consciente ou inconscientemente), vocês sabotam qualquer tentativa de chegar até a causa. Sempre que isso é feito por impaciência e pressa, frustração e medo, o processo da atividade necessariamente se desacelera. É por isso que aqueles que acreditam que Deus lhes enviou o sofrimento, que deve ser aceito sem entender a razão, muitas vezes se saem melhor, em outro sentido. Eles podem não aprender as causas subjacentes – o que é uma pena pois isso, também, precisa ser feito em algum momento – mas sua atitude é muito mais descontraída e aberta, embora seja condicionada por um fatalismo comodista e leve à crença em um Deus cruel e sádico, se se examinar bem a questão.

Portanto, a atitude ideal é combinar o espírito ativo da busca das próprias causas ocultas interiores com a atitude descontraída de, no momento, aceitar o indesejado, com a plena compreensão de que a infelicidade, que a própria pessoa gerou, tem valor terapêutico. Aqui também é uma questão de chegar à combinação certa de atividade e passividade saudáveis, em contraposição à distorção de atividade e passividade não saudáveis.

Vocês não podem resolver de fato a vida se não resolverem seus próprios problemas, provocados por uma atitude errônea em relação à vida e à morte, ao prazer e à dor. Vocês não podem estar à altura das exigências da vida se não enfrentarem os seus mais intimamente ocultos conflitos, atitudes e conceitos, e entenderem o real significado de suas reações. Descubram o que querem e o que temem em qualquer momento da vida em que se sintam perturbados. Não se detenham no pensamento superficial, nos desejos e medos superficiais que são, na realidade, apenas um sintoma do seu modo particular de fugir da morte e do sofrimento e, portanto, da vida e da

felicidade. Vocês não podem começar atacando as grandes questões gerais. Isso não vai levá-los a lugar nenhum. Vocês só podem crescer de fato quando atacam essa questão descobrindo as reações diárias, aparentemente insignificantes, de desejo e medo, e depois aprendendo qual é a atitude certa em relação à vida e à morte através dessas pequenas ocorrências e fatos do dia-a-dia. Vocês descobrirão, assim, como fogem da morte nas pequenas coisas; como se encolhem diante do sofrimento na sua atitude em relação aos pequenos fatos da vida que, em si mesmos, parecem não ter importância. Comecem se questionando com respeito às questões mais rotineiras, mais insignificantes, desde que elas provoquem algum tipo de desarmonia em vocês. Ao prosseguirem com esse questionamento até o ponto de: “Por que quero isso? Por que tenho medo de obter isso?”, vocês chegarão à questão do amor que desejam e do medo de não obtê-lo. Quando vocês fogem do amor, por medo de não consegui-lo de qualquer forma, ou de perdê-lo outra vez, é uma indicação da mesma atitude diante da morte, descrita na última palestra. Muitas atitudes erradas se manifestam como elogios à morte, por medo dela. Da mesma forma, vocês rejeitam o amor por medo de serem magoados, ou por não consegui-lo ou por perdê-lo de novo. Assim, tentam convencer a si mesmos que não o querem. Da mesma forma, internamente vocês tentam se convencer de que não querem a vida, porque sabem que um dia a vida no corpo terminará. Todas as pequenas questões levam, no final, à questão do amor em contraposição a não ser amado, e portanto à vida em contraposição à morte. Ao escolherem deliberadamente o que vocês não querem, por medo de não obtê-lo, vocês criam uma condição na alma que não é saudável e, por muitos motivos, é entorpecedora. Não é saudável porque vocês não admitem sinceramente, para si mesmos, o que realmente desejam (amor e vida), e o que realmente temem (não ter amor e vida eterna). Não é saudável porque vocês negam a si mesmos aquilo que poderiam ter, mesmo que não seja no grau que vocês gostariam. Vocês podem não obter o tipo de amor que desejam, exclusivo, sem limites e com a certeza absoluta de jamais vir a perdê-lo de novo. Mas devido a essas limitações, vocês se esquivam ao amor que poderiam obter, rejeitando-o totalmente, graças à crença exagerada de que a não satisfação do seu desejo é intolerável. Assim, vocês pioram as coisas. De forma semelhante, o desejo de nunca morrer faz vocês rejeitarem a vida. Todas as suas reações e problemas do dia-a-dia podem ser rastreados até essas questões básicas. Como consequência, essas questões básicas têm um significado pessoal para vocês, pois se aplicam a vocês. E este é o passo importante que precisam dar em seu desenvolvimento.

Mais importante, a esse respeito, é que com muita frequência vocês não sabem o que exatamente temem: a morte e o sofrimento. Rejeitar o amor significa ambas as coisas. Vocês não fogem apenas da morte e do sofrimento, mas, para começar, do medo de ambos. E é isso que precisam trazer à tona em primeiro lugar. Depois, e somente então, podem adotar uma atitude saudável a esse respeito. Externamente talvez vocês não tenham ciência desse medo, mas bem lá no fundo é possível que ele ainda esteja lá, pelo menos uma pequena dose dele. Enfrentem em si mesmos o elemento que ainda temem. Tomem ciência dele, e então poderão aprender a morrer – e a viver! Ao aprenderem a tomar ciência do medo real da morte, sob qualquer forma, seja a morte física, seja qualquer ocorrência negativa, vocês liberam a Força Vital que irá revigorá-los, à medida que vocês enfrentam o que temem.

A vida de Jesus Cristo simbolizou essa antiquíssima verdade de forma muito maravilhosa. Essa verdade foi conhecida por todos os sábios e grandes entendidos de todos os tempos. Ela é

simbolizada em muitas filosofias, religiões e mitos. Com Jesus Cristo, foi simbolizada na própria vida e morte dele. Sua morte foi encarada exatamente no espírito que mencionei aqui.

Muitos dos ensinamentos e afirmações Dele não foram registrados e transmitidos à posteridade – principalmente os que não eram entendidos pelo homem e pareciam contradizer Seus ensinamentos, de acordo com a limitada compreensão que o homem tinha. Portanto, não é por coincidência que Suas últimas palavras tenham sido registradas e transmitidas à humanidade, apesar do fato de parecerem contradizer flagrantemente o que o homem acreditava e queria ver em Jesus Cristo. Suas últimas palavras na cruz expressaram Sua dúvida e o medo de que fosse traído por Deus. Isso deixou muita gente perplexa. Como poderia o Grande Espírito duvidar e temer? A ilusão e a idealização humana teriam preferido que Jesus morresse na glória da fé, sem a dúvida e o medo humanos que ele expressou na hora do auge de Seu sofrimento. É muito importante que essas palavras tenham sido transmitidas à humanidade. Como todas as facetas individuais da vida e morte de Jesus têm um profundo significado simbólico para o homem e seus problemas pessoais, também essa afirmação precisa ter um significado. Ela só pode ser entendida se entenderam o significado da última e desta palestra.

Em Sua última hora, Jesus havia esquecido tudo que sabia, todas as revelações, todos os *insights* que havia tido. Até certo ponto, não acontece com todos vocês, em momentos de depressão e ansiedade, a memória intelectual reter o que aprenderam e sabem, mas não terem controle desse conhecimento? A alma de vocês atravessa a noite escura da descrença e da dúvida. Enganar a si mesmo sobre esse estado mental, e não admitir a situação real não é o remédio certo. Sentir-se culpado e orgulhoso dizendo “não devo me sentir ou pensar assim” só leva ao autoengano, e isso retarda a saída da escuridão. Jesus também mostrou isso. Ele ilustrou da forma mais clara. Ele, o maior de todos os espíritos criados, também duvidou. Também perdeu a fé por um momento. Mas Ele reconheceu, não escondeu esse fato de si mesmo nem dos outros. O que significa isso? Significa puro medo do desconhecido – da morte. Significa o agudo sofrimento da dor física, mental e espiritual. Jesus encarou tudo isso de frente, sem disfarces, sem autoengano, sem enganar aqueles que tinham fé Nele. Ele foi autêntico consigo mesmo, e portanto com todos os que Nele acreditaram. Foi autêntico até o último momento. Muitos mestres ou autoridades espirituais hesitariam em admitir seus próprios momentos de medo e dúvida. Eles se sentiriam envergonhados. Teriam medo de se desmoralizar perante seus discípulos. Esse medo básico muitas vezes é racionalizado através de explicações “aceitáveis”. Para si mesmo, a desculpa pela falta de autenticidade pode ser a atitude aparentemente louvável: ele não quer decepcionar e enfraquecer seus discípulos. Mas é a falta de veracidade que decepciona os outros. A autenticidade de Jesus não decepcionou ninguém apesar de que muitos não entenderam como era possível o Mestre duvidar na hora de Sua morte. Muitos, se não a maioria, não sabiam que exatamente nessa dúvida, nesse medo, estava uma importante orientação e lição para todos os homens. Mas mesmo que eles não entendessem conscientemente, internamente sentiram-se mais fortalecidos do que nunca porque a verdade atingiu diretamente o coração e a alma mesmo que, às vezes, passe ao largo do cérebro.

Se a explicação intelectual não torna indistinto o que o coração e a alma percebem e recebem, se a personalidade permite que a intuição funcione a despeito das considerações intelectuais aparentemente contraditórias, está implícita uma pureza e uma inocência que nada têm a

ver com os termos inocência e pureza conforme usados pelos religiosos fanáticos. Implica o que a atitude infantil de Jesus recomendou. Essa é outra faceta da referência de Jesus às criancinhas, à disposição de passar pelas experiências. Os discípulos de Jesus tinham essa qualidade. Também eles viviam as coisas plenamente. E o próprio Jesus Cristo mostrou isso amplamente, em Sua vida, bem como em Sua morte. Ele passou por Seu sofrimento até o fim, sem restrição, sem nenhuma vergonha de admitir Sua dúvida e Seu medo, Sua dor e Sua vulnerabilidade. É somente essa grande faculdade infantil que permite a experiência da verdadeira alegria. Isso Ele demonstrou não apenas durante a vida, mas também em Seu reaparecimento em espírito – mas a respeito disso muito pouca coisa foi registrada. Aqui também, como ocorre com tanta frequência, esse fator é mal entendido, ou pelo menos não é totalmente entendido. Mesmo aqueles que entendem que a ressurreição e o reaparecimento de Jesus significavam a continuação da vida do espírito, mesmo esses não avançaram o suficiente na compreensão desse fenômeno do ponto de vista mundano. Eles pensam simplesmente que Jesus demonstrou apenas que a vida prossegue, e isso é tudo. Mas não é tudo, meus amigos. Esse fenômeno visa provar a vocês mais que a continuação da vida em espírito. Quer fazer algo por vocês aqui e agora, enquanto ainda estão nesta encarnação. Se mesmo Jesus Cristo, em sua hora de desespero, esqueceu o que sabia, é mais provável que todas as outras pessoas façam o mesmo em épocas de infortúnio. A convicção intelectual vai até um certo ponto, e não mais. Jesus sabia mais que qualquer um. A prova de seu reaparecimento não poderia ser mais que uma teoria para aqueles que não estavam presentes e para as gerações seguintes. Portanto, Seu reaparecimento precisa conter um significado mais profundo, uma analogia simbólica com a vida interior do homem. Este é o significado mais profundo. O reaparecimento de Jesus a seus discípulos ilustra claramente que “após minha provação, e após ter cumprido minha provação até o fim, sem fingimentos e enganos, após atravessá-la até o fim, vivo agora no verdadeiro sentido da palavra, no sentido pleno da palavra. Vocês também podem fazê-lo. Vocês não precisam esperar a morte física, pois vocês morrem muitas mortes todos os dias, em todas as pequenas provações e lutas. A forma de enfrentá-las determina a vida subsequente e a plenitude de alegria que vocês podem desfrutar. Se enfrentarem essas provações e lutas com um espírito semelhante de autenticidade, na mesma medida vocês sentirão a vida e a alegria enquanto ainda habitarem o corpo.” Esta é a mensagem, este é o significado final, além dos outros significados. Aqui está o maior simbolismo vivido jamais demonstrado!

A vida na terra é um símbolo da realidade, e não o contrário. E assim é com a vida e morte de Jesus. Ele quis dizer muito mais do que meramente transmitir a cada pessoa a história da evolução, da vida após a morte, da promessa após a morte. Descobrir que vocês não precisam esperar até a época em que deixarem o corpo terreno. Vocês têm oportunidades diárias, quer consigam acreditar agora em uma vida após a morte ou não, isso não importa, mas todos os dias oferecem uma oportunidade para todos, acreditando ou não, de fazer o melhor da vida, entendendo o que é essa “pequena morte” diária – e enfrentá-la, aprender a discriminar no processo de desenvolvimento entre o que é inevitável e o que não é. Se enfrentarem o que é inevitável (como a morte física, bem como o produto e o resultado de suas atitudes erradas no passado) com um espírito de passividade descontraída, querendo ao mesmo tempo crescer e aprender com isso, tanto mais vocês reconhecerão onde e de que forma, desnecessariamente, escolhem dificuldades que não são inevitáveis. Vocês fazem isso com o espírito de fuga do que é inevitável. Quanto mais agem assim, mais abrem espaço para as situações extremas que deveriam ser evitadas.

É somente por meio de uma busca interior muito pessoal que podem determinar de que forma reagem a esses dois fatores, o que é e o que não é inevitável. A questão relativa ao que é e o que não é inevitável apresenta um problema semelhante ao da questão da independência e interdependência de um em relação ao outro. Somente a autoanálise pode fornecer a resposta certa para cada um. Não existe outro meio, não existem regras gerais que devam ser rigidamente seguidas.

Recapitulando: assim como o isolamento e a solidão são o resultado de uma dependência interior não reconhecida, oposta à interdependência saudável que é um resultado da independência interior, o mesmo acontece com a questão da inevitabilidade: ao fugir do que é inevitável, vocês atraem dificuldades que são evitáveis. Vocês têm tanto medo da dificuldade inevitável que acabam trazendo para si mais dificuldades. Descubram isso e vocês fatalmente verão que a dificuldade inevitável deixa de existir depois que a reconhecem e passam por ela.

Agora, alguém quer fazer perguntas?

PERGUNTA: Como uma dificuldade pode não ser uma dificuldade? Por exemplo, a tortura. Não tenho medo da morte, mas de morrer, da agonia. Ou se alguém vê uma criatura indefesa sendo torturada e morrendo dessa forma.

RESPOSTA: Como eu disse, enquanto não se passou por ela, é uma dificuldade. Não se espera que vocês digam a si mesmos o oposto. Muito ao contrário. Negar o medo seria uma forma de fugir dele, de negar a morte – e portanto, a vida. Somente quem passou pela morte tem a certeza de que não existe morte. Para descobrir isso, é preciso passar pela experiência. Os graus menores de “morte”, tais como todas as formas de sofrimento, também precisam ser vividos para se descobrir que eles não eram “morte” ou sofrimento no grau que era temido – e muitas vezes em nenhum grau. Vocês descobrirão a confirmação de muitos casos se olharem para trás na sua vida, para seu passado. Se vocês recapitularem e considerarem determinadas experiências de sua vida, muitas vezes verão que aquilo que temiam, que causava apreensão, e que parecia desproporcionalmente horrível quando estava à sua frente, deixou de ser assustador depois. No fim das contas, vocês não foram afetados. De fato, só foram afetados no sentido positivo, isto é, cresceram; significou uma experiência de vida a mais para a personalidade como um todo, não apenas para a razão, mas para toda a natureza e a vida emocional. Se, com muita honestidade, se questionarem, ao olhar para trás, admitirão que agora que passou já não é um horror. Portanto, deve ter sido uma irrealidade. Pois a realidade é permanente e imutável. Apenas uma irrealidade perde sua intensidade à medida que o tempo passa. Mas enquanto vocês sentem essa irrealidade como realidade, o remédio não é convencerem a si próprios que não é, nem tentar evitar o inevitável, e sim admitir o medo e o sofrimento e descontraí-los, se posso dizer assim. Vocês não podem evitar a ilusão do sofrimento dizendo a si mesmos que é uma ilusão. Para vocês, o sofrimento existe de fato. Portanto, é preciso passar por ele. Mas durante todo esse tempo vocês podem manter em mente o conhecimento intelectual, sem impô-lo à força às emoções. Permitam a ambos existir livremente, lado a lado, ao observarem os pensamentos e sentimentos. Isso pode facilitar a vivência e a experiência. Pois apenas essa experiência mostrará a vocês a ilusão. Somente a participação irrestrita na vida, em todas as suas facetas, os ajudará a ficar acima das dualidades.

PERGUNTA: Você disse que é possível decepcionar as pessoas pela falta de verdade, não por nenhum outro meio. Poderia explicar isso um pouco melhor?

RESPOSTA: Quando digo verdade, não quero dizer as pequenas verdades que as pessoas muitas vezes exprimem de forma cruel e irrefletida. Isso nada tem a ver com a Verdade. A grande Verdade pode, às vezes, entrar em contradição com a pequena inverdade. E uma pequena verdade pode entrar em muita contradição com a grande Verdade. Aqui também não há regra ou norma que se possa usar. Como acontece com toda verdade, cada caso é um caso e exige avaliação, discriminação e raciocínio ativo o tempo todo. Somente então vocês podem perceber quando, às vezes, uma pequena verdade corresponde à Verdade, ou quando não corresponde. As motivações da própria pessoa sempre fornecem a resposta real a essa pergunta. Se uma pessoa é tão honesta consigo mesma quanto possível, muitas vezes pode perceber que uma pequena verdade que magoa pode ser resultado de um defeito ou fraqueza pessoal, como orgulho, vaidade, voluntarismo, rebeldia, insegurança, frustração, seja o que for. Se essas motivações internas estiverem encobertas por razões mais válidas, isso não elimina a existência dessas correntes subjacentes que determinam o efeito. Mas quem é sincero consigo mesmo no mais alto grau não decepciona ninguém. Adquirir essa honestidade consigo mesmo, afinal, é a meta da busca pessoal de vocês neste Caminho.

PERGUNTA: Gostaria de fazer uma pergunta sobre a ênfase que a Igreja dá à ressurreição física de Jesus Cristo. O que você acha disso?

RESPOSTA: Há dois aspectos envolvidos, um dos quais comentei no passado. Sobre o outro não fiz comentários, porque trata exatamente do tema dessas duas últimas palestras para as quais meus amigos ainda não estavam preparados.

Posso repetir sucintamente o primeiro aspecto. É um erro absoluto, um equívoco. Deriva do medo inerente que o homem tem da morte física, e por isso ele quer acreditar em uma continuação física da vida. Portanto, o reaparecimento de Jesus Cristo precisava ser interpretado dessa forma.

O outro aspecto tem uma importância muito maior e mais ampla. Contém a mais profunda sabedoria e verdade, porém em forma simbólica. Esse simbolismo eu expliquei amplamente na palestra anterior. Significa: “Se vocês não fugiram do medo da morte, do sofrimento e do desconhecido, mas passarem pela experiência, poderão realmente ter vida no sentido mais profundo, enquanto ainda estão no corpo. Só é possível uma vida pura quando se enfrenta a morte diretamente.” Com “pura” não quero dizer o que geralmente se entende por esse palavra, uma rejeição insípida do corpo. Pois o corpo é parte do espírito, e o espírito é parte do corpo. Tudo é um todo. É por isso que Jesus Cristo apareceu em um corpo humano, para mostrar que o corpo não deve ser rejeitado ou negado. Se vocês aceitarem a morte, terão ressurreição em vida, no corpo, através da Força Vital fluente que realmente os fazem sentir prazer e alegria, em todos os planos do ser – também no plano físico. Está claro?

PERGUNTA: Sim, mas a sua afirmação do erro nos levaria a concluir que algumas partes do Evangelho que falam sobre a chegada à sepultura como uma história de promessa, na medida em que se trata de um relato factual, são totalmente falsas.

RESPOSTA: Não, de jeito nenhum. Quando Jesus apareceu a seus discípulos, a seus entes queridos, aconteceu um fenômeno que é bem conhecido, sempre foi bem conhecido e continuará a ser conhecido se predominarem algumas circunstâncias. Creio que vocês dão a isso, em sua época e era, o nome de materialização da matéria espírito. É a condensação da matéria espírito, como o é toda a vida física. Mas o fato de que isso tenha acontecido teve um profundo significado filosófico e psicológico que é em geral ignorado. Esse significado, como expliquei, é: enfrentem a vida e a morte, e vocês não poderão morrer. Vocês viverão na verdadeira aceção da palavra. Assim, o que os discípulos viram era verdadeiro, só que a maioria deles não entendeu o significado e o propósito desse fenômeno, embora Jesus tenha tentado transmitir na ocasião, bem como muitas vezes antes. Houve alguns poucos que entenderam, mas não todos. Eles simplesmente acreditaram tratar-se de um fenômeno, o que era, e, em si mesmo, não foi peculiar. Isso torna mais clara a questão? (Sim, obrigado.)

PERGUNTA: Eu tinha preparado uma pergunta e ela se encaixa exatamente nesse tópico. Tem a ver com arte, com a produção do artista. Dada uma personalidade, supondo o que você diz, o Princípio do Prazer em oposição ao Princípio da Realidade. Freud, eu acho, e alguns psicólogos, supõem que a arte chega à experiência humana como resultado da personalidade, uma criação da personalidade tentando voltar à realidade. Porque quando ela descobre que o Princípio do Prazer não pode reinar sem contestação, ela fica desapontada, muitas vezes passa para um mundo próprio e aí, se tiver talento suficiente, é capaz de criar arte, e no fim se reconciliar com a realidade. Em princípio, isso está certo?

RESPOSTA: Você quer dizer sublimação.

PERGUNTA: Sim, Agora, para aqueles de nós que conscientemente não acreditam na existência de vida após a morte e conscientemente não desejam a existência após a morte, que gostam muito de desfrutar e ter prazer na vida presente, física, do corpo, dos prazeres do corpo, das sensações do corpo. Gostaria de perguntar se, havendo talento, havendo um certo complexo de personalidade nessa área, a necessidade de sublimar alguma coisa, é esse desejo de fazer arte e através dela se imortalizar, a mesma coisa que vocês acreditam quando falam em vida após a morte? Não estou perguntando se existe vida após a morte...

RESPOSTA: Eu sei que você não está e não vou tentar responder isso, pois diga o que disser, ou o que qualquer pessoa poderia dizer, isso não fará nenhuma diferença. Você só pode chegar a isso pela sua própria experiência. Impor uma crença que não é autenticamente sua é muito menos saudável do que admitir a descrença. Esse é exatamente um dos pontos que enfatizei na última palestra. Mas vou responder aos outros aspectos da sua pergunta.

Em primeiro lugar, quero deixar bem claro que o conhecimento real e a experiência da continuação da vida após a morte física, se for atingido autenticamente através do desenvolvimento, com a atitude certa e saudável conforme descrito nessas palestras, não sacrifica, não pode sacrificar e não sacrificará os prazeres físicos em nome da vida espiritual a vir depois da vida física. É bem ao contrário. Somente aqueles que se apegam à fé religiosa por medo e fraqueza chegam à conclusão de

que uma coisa se opõe à outra. De fato, se essas duas palestras forem realmente entendidas, isso se tornará bem visível. A Força Vital liberada não pode se desviar do corpo. Portanto, ela tornará toda a personalidade mais receptiva e capaz do prazer em todos os planos, inclusive o físico.

Mas esse prazer completo em todos os planos só pode ser sentido se a alma for saudável. A alma doentia é incapaz de sentir prazer na medida em que carece de saúde.

Ao mesmo tempo, se uma pessoa cura os aspectos e atitudes doentios de sua personalidade, ela não apenas se torna capaz de sentir mais prazer, de levar uma vida mais plena, mas eu poderia dizer, quase como um subproduto, ela também se torna mais criativa. E também começa a perceber a realidade das leis e da verdade espirituais. Não é por coincidência que as pessoas que fazem uma análise bem-sucedida, embora isso possa não ser tão frequente e desejável nos dias de hoje, todas passam a acreditar na realidade das leis e da verdade espirituais. Isso raramente significa uma seita religiosa, porém mais sua própria percepção particular, experiência, prova interior e conhecimento. Todos esses fatores são subprodutos da cura da alma de seus equívocos, de suas distorções e desvios. A verdadeira experiência do prazer em todos os planos, o desenvolvimento das habilidades criativas e o conhecimento interior da verdade espiritual são o resultado da saúde interior.

Ao mesmo tempo, a alma mais doente, mais distorcida, é menos capaz de prazer verdadeiro; e quanto mais for assim, mais as capacidades criativas inerentes ficarão paralisadas. O fato de que algumas pessoas são muito criativas a despeito de tremendos conflitos internos não contradiz essa afirmação. Significa apenas que o talento criativo é tão grande que vem à tona apesar dos problemas da alma, e mais essa pessoa se desliga da realidade em todos os níveis. Isso não significa apenas a realidade das leis cósmicas e da verdade espiritual, mas também da realidade como se manifesta nesse plano terrestre.

O desejo de ser imortal através da arte é apenas outra variação do anseio do homem pela vida eterna e de sua luta contra a morte. Uma pessoa pode ser um fanático religioso que aceita sua crença por medo e fraqueza, mas que não chegou a ela por meio do conhecimento interior. Outra pode acreditar que é mais forte que a primeira, por não “precisar” dessa fé. Mas sua forma de expressão brota da mesma raiz, o desejo de ser imortal através do trabalho produzido. Nenhuma quer se soltar. Ambas querem agarrar-se à vida. Nenhuma consegue renunciar. Esse apego, essa incapacidade de renunciar, quer se manifeste nessa grande questão ou nos pequenos assuntos do dia-a-dia, mantém a alma aprisionada, impede-a de crescer, gera algum tipo de paralisação, que se manifesta em todos os planos da personalidade. Somente a liberdade generosa de dar-se, de enveredar pelo desconhecido, talvez sem qualquer certeza de conservar o que acalenta, pode gerar o verdadeiro crescimento. Assim, esse desejo de imortalidade pela arte (ou ciência ou qualquer outra expressão) em essência em nada difere do religioso que se apega à fé, por medo. Como expliquei na última palestra, também o ateu sai do caminho e enfrenta a morte da forma errada, assim como faz o religioso não autêntico. Este diz: “Quero acreditar porque tenho medo da morte. Não quero me soltar, me entregar.” E o ateu diz: “A pessoa que crê não passa de uma fraca. Sou muito mais forte, não preciso de nada disso.” Mas ele também quer a imortalidade e acha que dá uma demonstração de força ao buscar a imortalidade através de suas criações. É a sua forma de apegar-se à vida e lutar contra a morte. Ele teme tanto o fim da vida que não arrisca a decepção, pois o religioso pode estar

errado. Os dois tipos são incapazes de dizer com sinceridade, mesmo privadamente, “Eu não sei. Preciso aceitar o desconhecido.” Agora, meus amigos, as muitas pessoas que externamente dizem isso não querem necessariamente dizer isso, nem sentem nem vivem isso. Elas também podem manifestar a fuga da morte nas atitudes mais íntimas. Não é o que a pessoa professa ou pensa acreditar que determina a atitude saudável a esse respeito. Isso só pode ser um sintoma ou um indício, nada mais. Assim, vocês precisam desconfiar da avaliação baseada na crença e na atitude professadas por alguém. O desejo de morrer, por exemplo, não necessariamente, e apenas em raríssimos casos, indica a crença verdadeira na vida após a morte, ou na reconciliação com a não existência. Pode não passar da expressão do cansaço de lidar com a vida o que, naturalmente, é o resultado de não saber como lidar com a morte.

Agora chegamos à questão da sublimação, A sublimação pode ser, e com muita frequência é, totalmente mal entendida e é um fenômeno muito doentio. Pode ser um processo distorcido e prejudicial no conceito religioso, como também no conceito psicanalítico. O religioso sublima ao dizer: “A vida da carne é pecaminosa. Ela se opõe ao espírito. Representa o demônio e, portanto, preciso sublimar meus impulsos carnis e espiritualizá-los.” Isso leva à repressão e, se vocês realmente encararem a repressão sob um novo ângulo, ela não passa de desonestidade, autoengano, falta de autopercepção, uma política de avestruz. Por outro lado, o conceito psicológico diz: “A realidade é tão lúgubre, tão irremediável, tão desesperadora, entra em tal contradição com meus impulsos de prazer, que não tenho escolha a não ser sublimar. Escolho essa opção como meio termo, como o mal menor. Por um lado, eu teria de viver de acordo com os instintos mais indisciplinados e primitivos, se quiser concretizar meu impulso do prazer. Mas por outro lado, isso me colocaria em conflito com o ambiente, e portanto eu seria impedido, a priori, de ter prazer. Portanto, a situação é irremediável.” Esses instintos primitivos indisciplinados não levam ao Princípio do Prazer mais do que a rejeição “espiritualizada” do prazer corporal. Na alma madura e saudável, o impulso do prazer jamais interfere no ambiente em que se vive. E isso não se deve à sublimação, à resignação ou à repressão. Acontece porque os instintos crescem com o restante da personalidade e, assim, tornam-se mais receptivos ao prazer de uma forma mais elevada que os primitivos instintos indisciplinados. O prazer mais elevado também abrange os prazeres corporais. E isso, por sua vez, é consequência do fato de se encarar a morte e o sofrimento. Acontece através da não negação e, portanto, pouco a pouco, da eliminação da dualidade. Ao agir assim, a realidade, como vocês a conhecem na terra, começa a mudar. Primeiro sutilmente, no seu mundo interior, e depois lentamente espalhando-se à sua volta.

É totalmente incorreto dizer que a capacidade criativa é produto da sublimação ou, para dizer de outra forma, da passagem do impulso do prazer para outra área da personalidade. A personalidade original saudável, como ela deve ser, é suficientemente rica para acomodar ambas, bem como muitas outras áreas de expressão na vida. Apenas a alma limitada e distorcida precisa fazer essas escolhas. É bem verdade que, se vocês reprimirem o impulso do prazer, ele vai aparecer em outra parte, e muitas vezes o faz na área da criatividade. Mas isso não significa que ele não vá aparecer mais claro, melhor e mais forte se a personalidade for íntegra e integrada, operando saudavelmente em todos os planos. Poderia até manifestar-se de forma mais construtiva e plena, não como para substituir a vida, mas para completá-la.

Meus queridíssimos amigos, nesse dia muito especial procurei mostrar a vocês como a atual fase do nosso trabalho, do seu desenvolvimento interior se encaixa nos grandes acontecimentos da história da evolução cósmica e humana. Sejam abençoados, todos vocês. Recebam nossa força. Recebam nosso amor e nossas bênçãos. Que cada um possa tomar e utilizar essa força como for melhor. Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.